



Risco e Incerteza na Cafeicultura

A anomalia climática¹, que incidiu sobre os principais cinturões cafeeiros ao longo do primeiro trimestre de 2014, constituiu-se em fenômeno sem precedente na história da cafeicultura brasileira, trazendo prejuízos ao seu potencial produtivo. A magnitude de tal singularidade foi capaz de modificar a estrutura de formação de preços dessa *commodity*. A volatilidade das cotações na Bolsa de Nova York saltou de patamares ao redor de 20% a 25% para percentual acima de 45% (Figura 1), indicando que os operadores desse mercado, pautados pelos fluxos de oferta, demanda, formação de estoques e consumo (fundamentos)², perderam referências objetivas quanto ao valor “justo” a ser oferecido pelo produto.

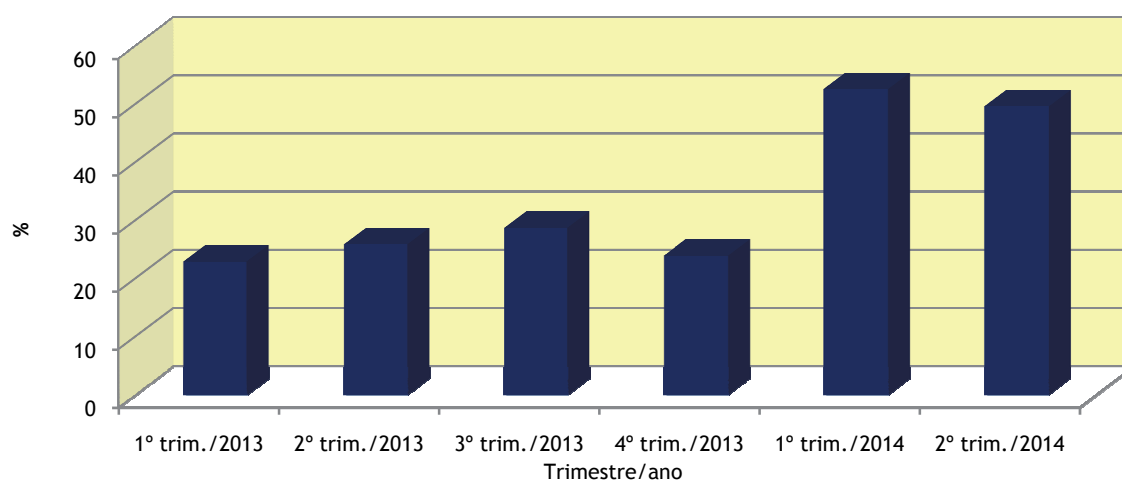


Figura 1 - Média Trimestral da Volatilidade das Cotações de Café Arábica em Primeira Posição na Bolsa de Nova York, 2013 a Primeiro Semestre de 2014.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados básicos do INTERCONTINENTAL EXCHANGE - ICE. Database. Europa: ICE. Disponível em: <<http://data.theice.com>>. Acesso em: out. 2014.

A volatilidade média das cotações entre julho e agosto de 2014 também se manteve acima dos 45%, indicando que os agentes de mercado (investidores/especuladores) ainda não foram capazes de interpretar, com objetividade, as repercussões da quebra de safra brasileira. Altistas e baixistas se revezam na formulação de argumentos convincentes que, por efeito manada, conduzem a amplificação da volatilidade.

Os riscos e as incertezas possuem sua taxonomia³, ainda que ambos trafeguem pelo espaço das expectativas (ou de sua frustração). Os riscos estão mais associados às possibilidades de cálculo estatístico considerando séries temporais (por exemplo, cotações, oferta, estoques, etc.), enquanto na incerteza não existem parâmetros mensuráveis. No risco, existe algum conhecimento progressivo, enquanto na incerteza nada se sabe. Conhecimento incompleto é manancial para erros de julgamento. Disso resulta o ofício cotidiano dos economistas na tentativa de trazer, para o campo dos riscos, a incerteza que o futuro intrinsecamente carrega.

Em suma, o curso dos eventos é afetado tanto pelo risco quanto pela incerteza, sendo que neste último não há hipótese para o cálculo racional. A falibilidade e a contingência determinam o futuro, por isso é totalmente incerto. Os pioneiros da ocupação dos cerrados, por exemplo, arriscaram na incerteza, na medida em que não havia história progressiva da cafeicultura comercial naquela zona agroecológica.

O salto no patamar da volatilidade é sintomático de fenômeno que pautará crescentemente a formação dos preços da *commodity*, que é o aumento substancial dos riscos e incertezas envolvidos nesse negócio⁴. Na atual conjuntura, a anomalia tem determinado a flutuação das cotações, mas a partir da normalização do clima nos cinturões produtivos brasileiros, o negócio não se afastará dos limites da incerteza; pelo contrário, com ela terá que conviver ainda mais.

A cafeicultura brasileira marcha inexoravelmente rumo à profissionalização. Regiões como a dos Cerrados (mineiro e baiano) e a Alta Mogiana atestam a excelência (em produtividade e qualidade) que nos mercados granjeiam essas origens. Essa especialização produtiva robustece a competitividade sistêmica do segmento. Entretanto, carrega consigo imenso incremento do estoque de capital alocado na atividade (muito mais máquinas, equipamentos - irrigação - e infraestruturas) capaz de suportar o ritmo impresso pela tecnologia adotada na base física (lavoura/terra). Esse aumento do estoque de capital empregado no sistema produtivo torna as explorações mais atreladas aos humores do mercado financeiro, justamente o segmento econômico que maiores e mais amplos riscos oferece⁵.

A macroeconomia global (excesso de liquidez, patamar das taxas de juros básicas, paridades cambiais, políticas soberanas de expansão ou retração fiscal) cria contextos que promovem amplas flutuações sobre o potencial de valorização do capital (sua razão de ser). Crise, como a de 2008, promoveu dilapidação do estoque de capital que procura se reinventar na ânsia por buscar novos espaços de valorização. Paradoxalmente, a queima de capital é custosa, exigindo longo tempo para recuperação.

Na trajetória de euforia financeira, os agentes econômicos exibem tremenda preferência pela mercadoria que é imediatamente substituída, quando ocorre o colapso, a opção pelo dinheiro. A economia contemporânea se caracteriza pelo encurtamento desses ciclos, instabilizando os mercados e suas bases produtivas.

A procura por resultados no curto prazo (atualmente curtíssimo prazo no ambiente dos algoritmos) incrementa excessos do sistema, negligenciando riscos calculados e promovendo clima para instauração da incerteza nos negócios⁶, conseqüentemente, para a cafeicultura que se alicerça em capital.

O futuro para a cafeicultura acena com mais incerteza. Nesse contexto de instabilidades a adoção de estratégias com medidas preventivas são crucialmente importantes. Por exemplo, deve-se adquirir uma colhedora ou contratar esse serviço? Comprar terra para iniciar uma lavoura ou arrendá-la? Posicionar o negócio em contratos de longo prazo ou se autofinanciar por meio do reinvestimento de excedentes? Enfim, expor-se aos humores da economia internacional, incrementando o estoque de capital, exige extrema cautela.

*Conter-se, quando os outros enlouquecem,
é o último poder da razão.*

(Renato Janine Ribeiro - filósofo)

¹Entende-se por anomalia o conjunto de fenômenos climáticos: estiagem; temperaturas médias (dia e noite) elevadas; e alta incidência de radiação solar (seguidos dias sem nuvens).

²É controversa a crença na capacidade dos fundos e grandes operadores de influenciar positiva ou negativamente a formação dos preços, distanciando-se dos fundamentos que o produto contempla. Talvez exista uma maior intensidade nas flutuações que, porém, estão primeiramente correlacionadas com os fundamentos. Para detalhes, ver SERIGATI, F.; POSSAMAI, R. Formação dos preços agrícolas: fundamentos ou atividade especulativa? *Agroanalysis*, São Paulo, p. 13-15, ago. 2014; ANDRADE, R. A construção do conceito de incerteza: uma comparação das contribuições de Knight, Keynes, Shackle e Davidson. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2. maio/ago. 2011.

³Riscos podem ser de: produção, mercado, contratuais, jurídicos, institucionais, tecnológicos, de liquidez. A natureza da incerteza (ausência de conhecimento) a torna exclusiva de si própria.

⁴Vale aqui a analogia: as atividades econômicas estão sujeitas ao risco; cafeicultura é atividade econômica; cafeicultura possui riscos.

⁵A atividade agrícola é intrinsecamente uma ilha rodeada por riscos. Entretanto, para produção e preços há mecanismos protetores (seguro, *hedge*). Descartam-se os riscos: institucional (tabelamento de preços); tecnológicos (introdução imediata das nanotecnologias, por exemplo); e contratuais, pela baixa probabilidade de vir a ocorrer no horizonte do provável.

⁶POLMAN, P.; ROTHSCHILD, L. de. A ameaça capitalista ao capitalismo. *Jornal Valor Econômico*, São Paulo, 27 maio 2014.

Palavras-chave: risco, incerteza, café.

Celso Luis Rodrigues Vegro
Pesquisador do IEA
celvegro@iea.sp.gov.br

Liberado para publicação em: 08/10/2014